



ALBANO
JERÓNIMO

MARIA JOÃO
BASTOS

PAULO
PIRES

AFONSO
PIMENTEL

JOÃO PEDRO
VAZ

MARCELLO
URGEGHE

ADRIANO
CARVALHO

PAULO BRANCO apresenta

MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Um filme de
SÉRGIO GRACIANO

22 OUTUBRO NOS CINEMAS

SINOPSE

Um fascinante e vívido retrato de Camilo Castelo Branco, a partir de um dos episódios mais marcantes da sua vida, quando o escritor e Ana Plácido estiveram presos na Cadeia da Relação do Porto em virtude do célebre processo por adultério que abalou a sociedade portuguesa do séc. XIX.

Uma colecção de histórias extraordinárias de gentes com existências amarguradas – falsários, parricidas, infanticidas, e até um rei – que Camilo ali ouviu e contou, com o seu inesgotável génio criativo, no livro *Memórias do Cárcere*, que o filme adapta.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Portugal, 2026

Duração: 167'

Cor

Idioma: Português

Género: Drama histórico

VER TRAILER AQUI





ELENCO

Albano Jerónimo

e

Maria João Bastos

Paulo Pires

Afonso Pimentel

João Pedro Vaz

Marcello Urgeghe

Adriano Carvalho

e a participação especial de

Soraia Chaves

Adriano Luz

Ricardo Pereira

Beatriz Brás

Bárbara Branco

Rui Morisson

Diogo Infante

ENTREVISTA A SÉRGIO GRACIANO

POR INÊS N. LOURENÇO

Depois d’*Os Papéis do Inglês*, Paulo Branco desafiou-o para uma nova adaptação literária. Algo mudou na sua forma de encarar os filmes, desde que está “sob influência” deste produtor?

Acho que o Paulo abriu umas perspectivas novas na minha cabeça. A sua postura de desafio pressionou-me um bocadinho mais, e nesse sentido, obrigou-me a tentar descobrir outros caminhos para os meus filmes. Ele fez esse trabalho comigo. E, para além da possibilidade de filmar guiões consideravelmente diferentes, na rodagem em si, deu-me *tempo* – algo que é particularmente necessário em cinema, porque permite outra abordagem do filme, permite o erro. Tive a possibilidade de errar, voltar atrás e refazer. Bem, talvez seja mais fácil responder assim: o Paulo mudou a minha vida, ao mudar a maneira como faço cinema hoje em dia.

Há um trabalho mais de ourives?

Sim, lá está a questão do tempo. O tempo permitiu-me esse trabalho de ourives – que se percebe quando vemos os filmes –, e depois o Paulo não é um produtor convencional. Ele dá-me os estímulos certos no arranque, participa muito nessa fase, com sugestões de visionamentos e leituras, mas na rodagem não impõe a sua presença, de todo, não diz como se deve fazer isto ou aquilo. Fomos construindo uma relação de confiança... que também passou por alguma sorte: o primeiro filme que fiz com o Paulo foi rodado em Angola, e como era muito longe, ele não pôde lá ir...

Teve então de ganhar uma certa autonomia.

E tive de ganhar uma segurança que dificilmente teria cá. Lá, eu era obrigado a tomar decisões.

O que é que lhe interessou no Camilo Castelo Branco das *Memórias do Cárcere*, ou seja, naquele ponto da vida do escritor?

As *Memórias do Cárcere* é uma fase mais frágil do Camilo, penso que é isso que faz a diferença. Eu quis começar a construir o filme a partir da fragilidade e humanidade da personagem, porque este não é o Camilo do *Francisca* [Manoel de Oliveira, 1981], é alguém mais próximo de nós, alguém que naquele momento estava mais vulnerável, e que não controlava tudo. Esse Camilo interessou-me, e procurámos alcançar um ponto de equilíbrio.

Mas há também aqui a paixão literária de Camilo, o seu vício de narrador...

Às vezes, a história do Camilo até é contada através das outras personagens... Mas, no fundo, trata-se de um livro muito pessoal, e eu quis manter esse lado pessoal no filme. Ele é o narrador da sua própria história, da mesma forma que é muito os *olhos dos outros*: é um Camilo que tem ciúme, tem medo, tem amor.



Foi importante para si dividir um pouco o protagonismo de Camilo com a igualmente escritora Ana Plácido [Maria João Bastos]?

Sim, a presença da Ana Plácido traz, ao mesmo tempo, equilíbrio e desequilíbrio: é a mulher por quem ele está completamente apaixonado – aliás, o Camilo entrega-se na prisão para ficar perto dela –, mas também é alguém que lhe confere uma certa humanidade. O facto de ser escritora, de ele a ter como seu par no universo das letras, justifica este tipo de entrega ao cárcere.

Como é que imaginou a personagem Camilo, para lá de qualquer pose de filme de época?

A minha intenção era que ele fosse um homem, e não um super-herói. O Camilo do Albano é um de nós, uma figura que está longe daquela imagem muito comum do “estar acima das outras pessoas”. É um português do século XIX, sim, que por acaso é um pensador: está sempre a questionar-se e a ouvir-se a si próprio. E tem também, claro, um traço de modernidade, tal como a Ana Plácido, uma mulher emancipada.

E como é que o moldou com o seu intérprete, Albano Jerónimo?

Além de ser um actor incrível, o Albano é alguém com quem tenho proximidade. Mas há aqui outro segredo para esta personagem: nós vivemos praticamente juntos durante a rodagem das *Memórias do Cárcere*. Ficámos na mesma casa, com o director de fotografia, João Ribeiro. Isso mudou tudo, porque em vez de falarmos durante o trabalho, falávamos muito mais nos pequenos momentos, por exemplo, quando estávamos a petiscar... A certa altura, a personagem já lhe saía automaticamente. De resto, o Albano não é um actor que chegue ao *plateau* cheio de certezas absolutas, ele está sempre disponível para ouvir. A construção desta personagem fez-se na partilha de ideias, em consequência da partilha de casa, comida, e até quase o dormir!

Falou aí do director de fotografia, e de facto, algo que salta literalmente à vista neste *Memórias do Cárcere* é o cuidado de cada plano. De onde vem isso?

Então, ao nível da convivência, o caso do João Ribeiro não é muito diferente do do Albano. Nós trabalhámos bastante na pré-produção, tínhamos os planos todos pensados, fomos algumas vezes aos décors e percebemos que não queríamos fazer postais turísticos, queríamos dar alma às imagens. Aí, o João trabalhou muito com acetatos em frente à lente, vidros, espelhos... Queríamos fazer um filme novo, que soasse ligeiramente a antigo, e isso transformou-se num momento muito especial, porque esta busca pela perfeição, ou pelo plano certo – não em termos académicos –, acabou por ser todo um projecto de minúcia. A mise-en-scène foi uma coisa louca.

O argumento, sendo de Carlos Saboga [1936-2026], também parece ter uma história por trás, já que aparecem mais três nomes na ficha técnica...

Sim, há uma primeira versão, de três autores brasileiros [Luca Paiva Mello, André Catarinacho e Bruna Skrzypek], que era diferente, talvez um pouco menos cinematográfica. E assim que entrou em cena o Carlos Saboga, tudo deu uma volta!





Ele conhecia muito bem a obra do Camilo, e depois tinha essa imensa qualidade de conseguir pegar nas palavras do escritor e pô-las na boca dos actores. Era essencialmente isso que estava a faltar na primeira versão.

E a ausência de “música dramática”, foi uma opção de princípio ou veio no fim?

Foi uma escolha que veio no fim. Chegámos à conclusão de que o filme tem uma musicalidade surda, que valoriza o papel do Albano. Ele não precisa desse “acessório”. E também não queríamos entrar pelo melodrama... Aí a visão do Paulo foi decisiva.

Há uma personagem irresistível neste filme, que certamente precisou de uma atenção particular: o cão de Coutinho [João Pedro Vaz]. Como é que chegaram àquele à vontade dentro da prisão?

(risos) Mais uma vez, ter tempo ajuda muito. Tivemos tempo para criar uma ligação com o animal, neste caso uma cadela, e o Albano também gosta muito de cães, tal como eu, o que talvez tenha tornado fácil a dinâmica: a cadela esteve sempre lá durante a rodagem. Houve *tempo*.



SÉRGIO GRACIANO

Estreou-se nas longas-metragens com *Assim Assim* (2012), seguindo-se filmes como *Njinga - A Rainha de Angola* (2013), *O Som que Desce na Terra* (2021) e *Salgueiro Maia - O Implicado* (2022).

Os Papéis do Inglês (2024), adaptação da trilogia *Os Filhos de Próspero*, de Ruy Duarte de Carvalho, com argumento de José Eduardo Agualusa, integrou a Competição Oficial no Festival Internacional de Cinema de Tóquio, recebeu o Prémio do Público no FESTin e conquistou dois Prémios Sophia.

Realizou ainda *Camarada Cunhal* (2025) e *Playback* (2026).

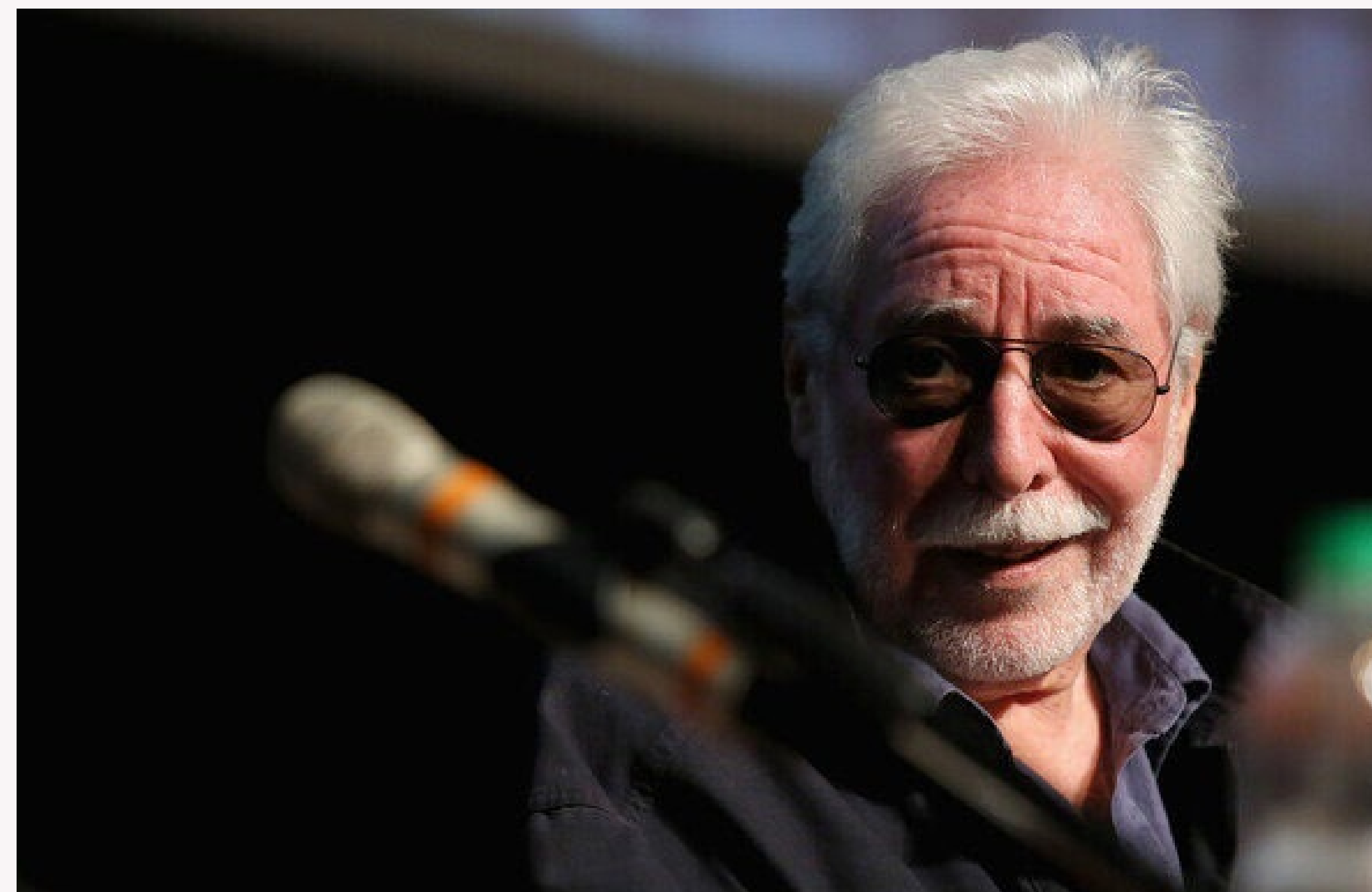
O seu filme mais recente é *Memórias do Cárcere* (2026). Actualmente prepara *Os Adeuses*, adaptação de Juan Carlos Onetti.



CARLOS SABOGA

Carlos Saboga (1936 – 2026) é uma das figuras de referência da escrita cinematográfica em Portugal. Cresceu durante o Estado Novo e, em 1965, deixou clandestinamente Portugal, acompanhando uma equipa de cinema francesa. Viveu posteriormente em França, Itália e Argélia, acabando por se estabelecer em Paris. Antes de se dedicar sobretudo à escrita para cinema e televisão, trabalhou também como assistente de realização, jornalista e crítico cinematográfico.

Participou, a diversos títulos, em filmes como de *La Jeune Morte* (1965) de Claude Faraldo; *Il Sasso in Bocca* (1969) de Giuseppe Ferrara; e *Jacquou le Croquant* (1969) de Stelio Lorenzi. Ao longo da carreira, escreveu para realizadores como José Fonseca e Costa, Luís Galvão Telles, Fernando Lopes, António-Pedro Vasconcelos, Mário Barroso, Raúl Ruiz e Valeria Sarmiento. Entre os seus argumentos



mais marcantes encontram-se *Mistérios de Lisboa* (2010) de Raúl Ruiz, adaptação da obra homónima de Camilo Castelo Branco; *As Linhas de Wellington* (2012), pelo qual recebeu o Prémio Sophia de Melhor Argumento Original, e *O Caderno Negro* (2018) de Valeria Sarmiento (este último também uma adaptação de um romance de Camilo Castelo Branco, *Livro Negro de Padre Dinis*); *O Lugar do Morto* (1984) e *Jaime* (1994), de António-Pedro Vasconcelos; *O Milagre Segundo Salomé* (2004), *Um Amor de Perdição* (2008), também a partir da obra de Camilo Castelo Branco, e *Ordem Moral* (2020) de Mário Barroso, pelo qual recebeu o Prémio de Melhor Argumento da Sociedade Portuguesa de Autores.

Vários destes projectos foram produzidos por Paulo Branco, com quem teve uma grande amizade, de mais de cinco décadas, depois de António-Pedro Vasconcelos os ter apresentado no Festival de Pesaro,

em 1973. Saboga realizou duas longas-metragens, ambas produzidas por Paulo Branco: *Photo* (2012), estreado na Competição Oficial do Festival de Roma, e *A Uma Hora Incerta* (2015), que se estreou na Viennale e foi distinguido com o Prémio do Júri.

Em 2023, a Academia Portuguesa de Cinema distinguiu Carlos Saboga com o Prémio Sophia Carreira, “pelo impacto imensurável que teve no cinema português desde a década de 80”.

O seu último argumento para cinema foi *Memórias do Cárcere* (2026), realizado por Sérgio Graciano, em nova adaptação de Camilo Castelo Branco, que ainda teve oportunidade de ver.

ALBANO JERÓNIMO

Albano Jerónimo é um dos actores portugueses mais consagrados e premiados da actualidade, reconhecido pela sua versatilidade única tanto em palco como no ecrã. Depois de terminar o curso de Teatro em Formação de Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema, iniciou o seu percurso artístico no teatro, desempenhando papéis principais em obras de autores tão diversos como Shakespeare, Tennessee Williams, David Mamet e Martin McDonagh.



Na televisão, tornou-se um rosto familiar do grande público ao participar em séries e novelas de grande sucesso (*Vila Faia, Dancin' Days, O Presidente*, entre outras).

É, porém, no cinema que tem desenvolvido alguns dos trabalhos mais marcantes da sua carreira, colaborando com cineastas como Raúl Ruiz, Valeria Sarmiento, Tiago Guedes e Mário Barroso. Entre os seus grandes papéis, destacam-se *Mistérios de Lisboa* (2010), *As Linhas de Wellington* (2012), *A Herdade* (2019), *Ordem Moral* (2020), *Restos do Vento* (2022), *O Pior Homem de Londres* (2024), *Primeira Pessoa do Plural* (2025), e *Aquí* (2026).

As suas interpretações têm sido amplamente distinguidas, nomeadamente com os Prémios Sophia de Melhor Actor Secundário por *As Linhas de Wellington* e de Melhor Actor Principal por *Restos do Vento* e *O Pior Homem de Londres*;

o prémio de Melhor Actor no Festival Internacional de Cinema de Dublin por *A Herdade*; e o Globo de Ouro pelas suas interpretações em *A Herdade* e *O Pior Homem de Londres*.

O seu papel mais recente é em *Memórias do Cárcere* (2026), de Sérgio Graciano, adaptação do livro homónimo de Camilo Castelo Branco, no qual encarna o papel do escritor, contracenando com Maria João Bastos, no papel de Ana Plácido.

MARIA JOÃO BASTOS

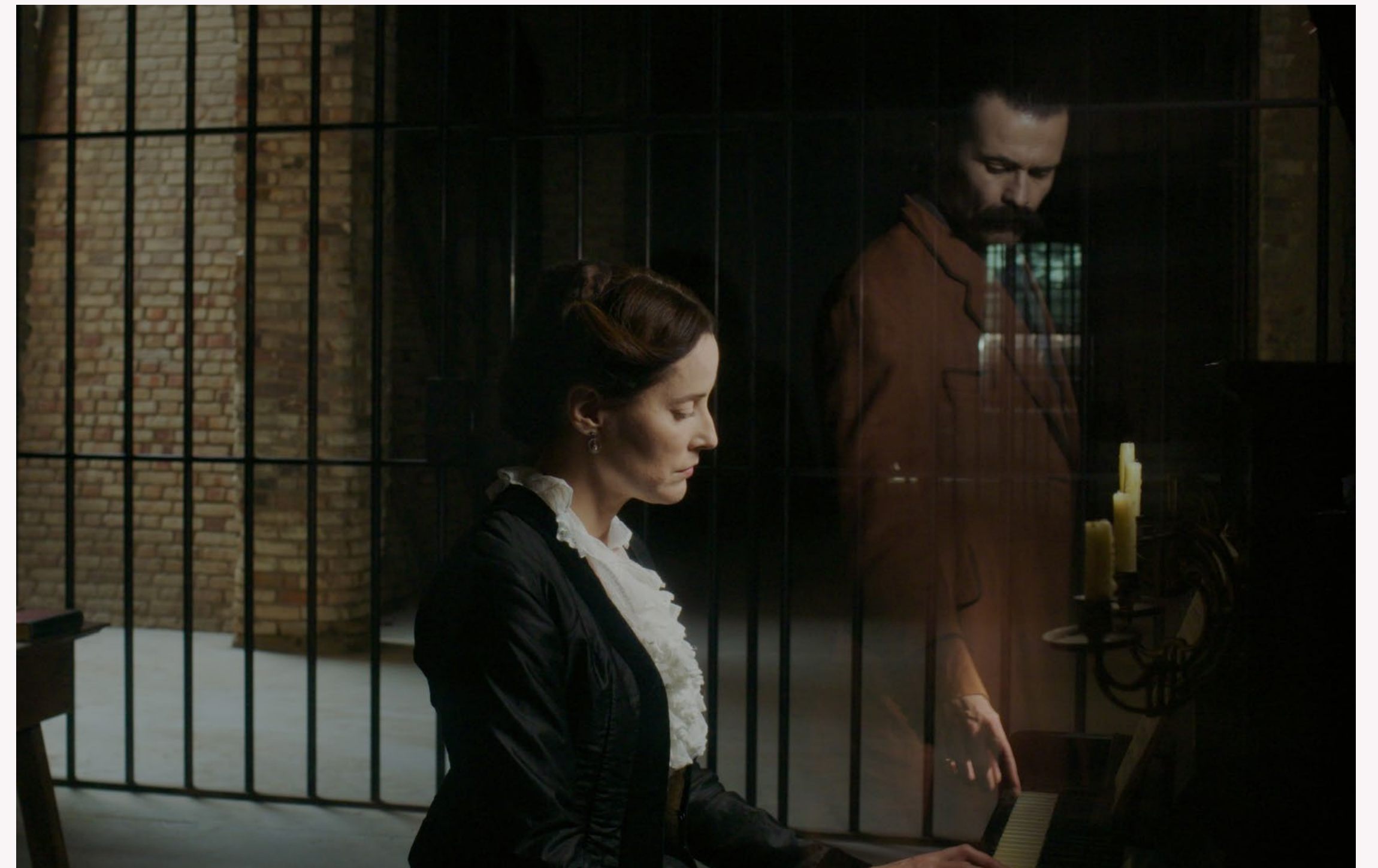
Maria João Bastos é uma das atrizes portuguesas mais reconhecidas da sua geração, com uma carreira desenvolvida entre Portugal e o estrangeiro, no cinema, televisão e teatro. Licenciada em Ciências da Comunicação, completou a sua formação artística em Nova Iorque e Madrid.

No cinema, trabalhou com realizadores como Raúl Ruiz, Valeria Sarmiento, Fernando Lopes, Michael Sturminger e Fernando Vendrell. Em *Mistérios de Lisboa* (2010), de Raúl Ruiz, interpretou Ângela de Lima, papel que lhe valeu o Globo de



Ouro de Melhor Actriz. Seguiram-se, entre outros, *Em Câmara Lenta* (2012), de Fernando Lopes, *As Linhas de Wellington* (2012), de Valeria Sarmiento, *Variações de Casanova* (2014), de Michael Sturminger, ao lado de John Malkovich, e *Sombras Brancas* (2023), de Fernando Vendrell. Recebeu ainda o Prémio Autores da Sociedade Portuguesa de Autores para Melhor Actriz pela sua interpretação em *Bairro* (2013), de Jorge Cardoso.

Em *Memórias do Cárcere* (2026), de Sérgio Graciano, a sua interpretação mais recente no cinema, assume o papel de Ana Plácido, contracenando com Albano Jerónimo no papel de Camilo Castelo Branco.



PAULO PIRES

Paulo Pires é um dos actores mais reconhecidos da sua geração, com um percurso desenvolvido entre o cinema, a televisão e o teatro, em Portugal e no estrangeiro. Depois de começar como modelo, estreou-se como actor no cinema em *Zéfiro* (1993), de José Álvaro Morais, e *Cinco Dias, Cinco Noites* (1996), de José Fonseca e Costa.

No cinema, destacou-se pelos seus papéis em *O Milagre Segundo Salomé* (2004) e *Um Amor de Perdição* (2008), de Mário Barroso; *As Linhas de Wellington* (2012), de Valeria Sarmiento, apresentado na



Competição Oficial do Festival de Veneza; *Quarta Divisão* (2013), de Joaquim Leitão, que lhe valeu uma nomeação para o Globo de Ouro de Melhor Actor; *A Uma Hora Incerta* (2015), de Carlos Saboga, que integrou a Selecção Oficial do Festival de Viena; e *Não Sou Nada - The Nothingness Club* (2023), de Edgar Pêra.

O seu filme mais recente é *Memórias do Cárcere* (2026), de Sérgio Graciano, no qual interpreta Vieira de Castro, ao lado de Albano Jerónimo, Maria João Bastos, Marcello Urgeghe, João Pedro Vaz, Afonso Pimentel e Adriano Carvalho.



MARCELLO URGEGHE

Marcello Urgeghe é um dos actores mais consistentes do cinema português, com uma extensa carreira desenvolvida entre o cinema, o teatro e a televisão. Ao longo de mais de três décadas, trabalhou com alguns dos mais importantes realizadores portugueses e estrangeiros, conciliando o cinema de autor com uma presença regular no palco e no pequeno ecrã.

Em teatro, colaborou com encenadores como António Pires, Nuno Carinhas, Cédric Orain e Guilherme Gomes. Na televisão e no streaming, integrou produções como *Conta-me Como Foi*, *Maison Close*, e *Glória*.



No cinema, destacou-se pelos seus papéis em *A Costa dos Murmúrios* (2004), de Margarida Cardoso; *Mãos no Fogo* (2024), de Margarida Gil; *Mistérios de Lisboa* (2010), de Raúl Ruiz; *Sangue do Meu Sangue* (2011), de João Canijo; *Operação Outono* (2012), de Bruno de Almeida; *A Portuguesa* (2018), de Rita Azevedo Gomes; e *Ordem Moral* (2020), de Mário Barroso. Pela sua interpretação neste último filme, recebeu o Prémio Autores da Sociedade Portuguesa de Autores para Melhor Actor.

O seu filme mais recente é *Memórias do Cárcere* (2026), de Sérgio Graciano, no qual interpreta Morgado, ao lado de Albano Jerónimo, Maria João Bastos, Paulo Pires, João Pedro Vaz, Afonso Pimentel e Adriano Carvalho, numa adaptação da obra homónima de Camilo Castelo Branco.



JOÃO PEDRO VAZ

João Pedro Vaz tem desenvolvido o seu trabalho entre o cinema, teatro e a televisão. Iniciou o seu percurso no teatro universitário, no Teatro Experimental da Universidade de Coimbra, integrando posteriormente o Teatro Experimental do Porto, antes de se estrear no cinema com *A Passagem da Noite* (2003), de Luís Filipe Rocha.

Na televisão, tem participado regularmente em séries e ficções portuguesas, entre as quais *Sol de Inverno* e *Rabo de Peixe*. No cinema, destacou-se pelos seus papéis em *Cartas da Guerra* (2016), de Ivo M. Ferreira, apresentado em Competição no Festival de Berlim, e pelo



qual recebeu o Prémio de Melhor Actor Secundário da Fundação GDA; *Colo* (2017), de Teresa Villaverde, igualmente seleccionado para a Competição Oficial de Berlim; e *Os Papéis do Inglês* (2024), de Sérgio Graciano, no qual interpretou o escritor e cineasta Ruy Duarte de Carvalho e que integrou a Competição do Festival Internacional de Cinema de Tóquio.

O seu filme mais recente é *Memórias do Cárcere* (2026), de Sérgio Graciano, no qual interpreta Coutinho, ao lado de Albano Jerónimo, Maria João Bastos, Paulo Pires, Marcello Urgeghe, Afonso Pimentel e Adriano Cardoso, numa adaptação da obra homónima de Camilo Castelo Branco.



AFONSO PIMENTEL

Afonso Pimentel estreou-se no cinema aos 14 anos, com *Adeus, Pai* (1996), de Luís Filipe Rocha, pelo qual ganhou o Prémio de Melhor Actor Jovem no Festival Internacional de Cinema de Moscovo. Desde então, tem feito o seu percurso entre o cinema, televisão e o teatro.

Na televisão e no streaming, tem participado em algumas das produções portuguesas de maior projecção dos últimos anos, entre as quais *Glória*, *Rabo de Peixe* e *Matilha*. Pelas suas interpretações nas duas últimas, venceu, em 2024, o Globo de Ouro de Melhor Actor de Televisão.



No cinema, destacou-se pelos seus papéis em *Coisa Ruim* (2006), de Tiago Guedes e Frederico Serra, pelo qual recebeu o Globo de Ouro de Melhor Actor; *Mistérios de Lisboa* (2010), de Raúl Ruiz; *As Linhas de Wellington* (2012), de Valeria Sarmiento; *Bairro* (2013), pelo qual foi nomeado para o Prémio Sophia de Melhor Actor Secundário; e *Os Gatos Não Têm Vertigens* (2014), de António-Pedro Vasconcelos. Como realizador, venceu o Prémio Sophia de Melhor Curta-Metragem de Ficção por *Encontradouro* (2014).

O seu papel mais recente para cinema é *Memórias do Cárcere* (2026), de Sérgio Graciano, no qual interpreta Vieira Mendes, ao lado de Albano Jerónimo, Maria João Bastos, Paulo Pires, Marcello Urgeghe e João Pedro Vaz, numa adaptação da obra homónima de Camilo Castelo Branco.



ADRIANO CARVALHO

Adriano Carvalho tem uma extensa carreira no cinema, televisão e teatro. Desde o início do seu percurso, tem-se afirmado pela intensidade e solidez das suas interpretações, trabalhando regularmente em produções portuguesas e internacionais.

Na televisão e no streaming, integrou produções como *Conta-me Como Foi*, *Os Filhos do Rock*, *1986*, *Sul*, *A Espia*, *Glória*, *Causa Própria* e *Rabo de Peixe*, consolidando uma presença regular na ficção televisiva portuguesa.



No cinema, destacou-se pelos seus papéis em *Operação Outono* (2012), de Bruno de Almeida; *Vazante* (2017), de Daniela Thomas, apresentado na secção Panorama do Festival de Berlim, pelo qual recebeu o Prémio de Melhor Actor Principal da Fundação GDA e foi nomeado para o Prémio Sophia de Melhor Actor; *Patrick* (2019), de Gonçalo Waddington; *Restos do Vento* (2022), de Tiago Guedes; *Pai Nosso - Os Últimos Dias de Salazar* (2025), de José Filipe Costa; e *Maria Vitória* (2025), Mário Patrocínio.

O seu mais recente filme é *Memórias do Cárcere* (2026), de Sérgio Graciano, no qual interpreta Nascimento, ao lado de Albano Jerónimo, Maria João Bastos, Paulo Pires, Marcello Urgeghe, João Pedro Vaz e Afonso Pimentel, numa adaptação da obra homónima de Camilo Castelo Branco.





EQUIPA

Argumento Carlos Saboga
a partir da obra homónima de **Camilo Castelo Branco**
e da primeira versão do argumento de **Luca Paiva Mello, André Catarinacho e Bruna Skrzypek**

Realização **Sérgio Graciano**
Direcção de Fotografia **João Ribeiro**
Direcção de Arte **Isabel Branco**
Montagem **Micael Espinha**
Director de Som **Ricardo Leal**
Montagem de Som **Pedro Góis**
1º Assistente de Realização **Nuno Casanovas**
Produzido por Paulo Branco

Uma produção **Leopardo Filmes**

Com o apoio financeiro
ICA - Instituto do Cinema e do Audiovisual
Fundo de Apoio ao Turismo e ao Cinema
RTP - Rádio e Televisão de Portugal

Com o apoio
Câmara Municipal do Porto
Câmara Municipal de Viana do Castelo
Câmara Municipal de Matosinhos
Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão
Câmara Municipal de Ponte de Lima
Junta de Freguesia de Alvarães
Filmaporto – Film Commission

Distribuição em Portugal
NOS Audiovisuais

LEOPARDO
FILMES



CONTACTOS

IMPRENSA

Carla Alves

NOS Audiovisuais
caa@ban.pt
+351 213 195 640

Nuno Gaio Silva

Leopardo Filmes
press@leopardofilmes.com
+351 213 255 800

DISTRIBUIÇÃO

Fátima Ramalho

NOS Audiovisuais
fatima.v.ramalho@nos.pt
+351 217 824 700

